



Arqueologia *em* Calendário

Dia Mundial da Agricultura 20 de março 2015

Para nos associarmos às comemorações deste dia mundial, vamos lembrar quão antiga é a prática da agricultura e a forma como a arqueologia nos dá ferramentas para construir esse conhecimento.

O solo da região de Loures e as linhas de rios e ribeiros, que o têm sulcado e banhado, são a matéria-prima que propiciou às comunidades pré-histórias, de há cerca de 10000 anos a.C., terem cumprido – também aqui,

na região de Loures – essa etapa decisiva na história da humanidade que foi desde a apropriação de recursos espontâneos (na natureza) à produção de recursos domesticados. A fertilidade desta região está nos terrenos de aluvião da várzea ou bacia de Loures, ótimos para a produção hortícola, e nos terrenos basálticos explorados para culturas cerealíferas.

O longo processo de aprendizagem e de desenvolvimento da agricultura





Dia Mundial da Agricultura

20 de março 2015

ocorreu em diversas partes do mundo, mais ou menos simultaneamente. O processo resultará em métodos produtivos de sobrevivência, implicará a invenção técnica de utensílios, de ferramentas de trabalho e de métodos de armazenamento para os excedentes e estará na origem da transformação de produtos e na obtenção de produtos secundários. Estudiosos têm apelidado de revoluções estas etapas de grandes transformações na vida das sociedades humanas: revolução agrícola e revolução dos produtos secundários. Estas, por sua vez, estarão na base de alterações nos modos de vida. Por exemplo, a prática agrícola, os ciclos agrícolas, vão conduzir as comunidades à necessidade de se fixarem nas proximidades de terrenos férteis, que produzam. As populações tornam-se sedentárias, formam-se povoados. A necessidade de proteger os bens produzidos e os excedentes faz com que

se procurem pontos altos, permitindo boa observação em redor, ou que sejam construídas muralhas defensivas.

No sítio arqueológico do Casal do Mortal, que existiu no espaço onde hoje temos o Hospital de Loures, houve um povoado pré-histórico.

Durante alguns anos recolheram-se no local, à superfície, materiais arqueológicos que permitiram perceber que tinha havido a utilização daquele espaço em períodos distintos da pré-história – a partir dos muitos objetos talhados em pedra e de fragmentos de cerâmica – e na época moderna e contemporânea, de que faziam prova as próprias ruínas do casal ali existente. Havia também materiais romanos.

Ou seja, ao longo de um tempo muito longo, milhares de anos, aquele sítio tem sido interessante e, por isso, tem sido

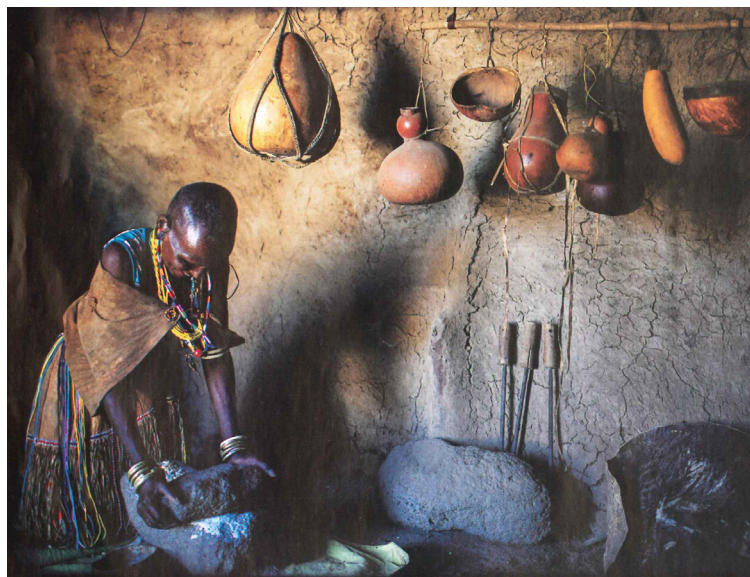


ocupado por comunidades que o têm utilizado das mais distintas maneiras. O sítio está localizado num ponto alto com boa visibilidade sobre a várzea, a terra escura e fértil era, e é, a que cobre o manto basáltico, as linhas da água essencial e as nascentes estavam em redor. Estas excelentes condições foram aproveitadas, há cerca de 7/8 mil anos atrás, por uma população pré-histórica que deixou aí vestígios materiais de uma vida sedentária, da qual faziam parte objetos que teriam uso não só em atividades produtivas, mas também em atividades transformadoras. Essa população vivia, então, num povoado. Das pistas materiais deixadas por essa população, a partir das quais podemos dizer que, de alguma forma, praticavam uma agricultura, cultivavam algo, e transformavam o produto da colheita, seleccionámos um moinho manual de rebolo ou, também chamado, moinho de vaivém.



A primeira designação decorre do nome da pedra mais pequena: a movente ou rebolo. Esta, podendo ser mais pequena que a pedra sob a qual se move – a dormente –, pode ter uma dimensão adequada ao manuseamento por uma mão ou por duas. No caso da imagem acima, o rebolo não está inteiro. Tanto a dormente como a movente têm as superfícies muito lisas devido ao movimento de fricção da moagem de grãos.





Observar a fotografia permite-nos perceber, quase ao vivo, o modo como funcionava o moinho manual encontrado no Casal do Mortal. É o momento de a arqueóloga agradecer ao fotógrafo. Que bela fotografia, para quem escavou e encontrou os elementos de um moinho semelhante que funcionou há milhares de anos, neste ponto da Península Ibérica. Confirma-se, também por esta via, a relatividade do tempo e do espaço.

A imagem em cima representa o interior de uma cabana datoga. Assim legendada, esta fotografia ilustra o artigo "Tanzânia", de Artur Cabral, da revista "Volta ao Mundo" (n.º 230, dez. 2013, p. 50; o autor assina texto e fotografia).

